

## Formação e estilização ortográfica de nomes artísticos de *drag queens*: questões de identidade linguística e de expressão de gênero

**Original formation and styling of artistic names of drag queens: identity questions of language and gender expression**

*Josy Maria Alves de SOUZA\**

*Natália Cristine PRADO\*\**

---

**RESUMO:** O principal objetivo deste trabalho é investigar os processos de formação de nomes artísticos de drag queens do estado de Rondônia, observando sua relação com os prenomes desses sujeitos. Como objetivos secundários pretende-se investigar se ocorre estilização ortográfica no processo de adoção dos nomes artísticos. O estudo empreendido é tanto quantitativo quanto qualitativo e se constitui de um corpus de cinco nomes artísticos de artistas drag queens do Estado de Rondônia que se dispuseram a responder a um questionário online disponibilizado na plataforma Google.docs. Procedida à análise, constatamos que a quase totalidade de drag queens que colaboraram com nossa pesquisa tende a adotar nomes artísticos sem identidade morfológica com o prenome e que o processo de formação de nomes utilizado foi a derivação. Constatamos, também, que 80% dos nomes artísticos analisados se enquadram nos padrões usuais do

---

**ABSTRACT:** The main objective of this paper is to investigate the processes of formation of artistic names of drag queens of the State of Rondônia, observing their relationship with the first names of these subjects. As secondary objectives it is intended to investigate whether orthographic stylization occurs in the process of adopting the artistic names. The study undertaken is both quantitative and qualitative and constitutes a corpus of five artistic names of drag queen artists from the State of Rondônia who were willing to answer the online questionnaire available on the Google.docs platform. After the analysis, we found that almost all the drag queens that contributed to our research tended to adopt artistic names without morphological identity with the first name and that the process of name formation used was derivation. We also observed that 80% of the artistic names analyzed fit the usual standards of Brazilian Portuguese and, of these, 20%

---

\* Mestre em Letras, Unir. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6570-3570>. [joalves333@hotmail.com](mailto:joalves333@hotmail.com)

\*\* Doutora em Linguística/Unesp, professora da Unir. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8947-4330>. [natalia.prado@unir.br](mailto:natalia.prado@unir.br)

Português Brasileiro e que, destes, 20% são variantes dicionarizadas e 80% apresentam ortografia estilizada pela duplicação de grafema em especial da consoante <l>. Além disso, constatamos a inserção de grafemas como <c> e <h> e o uso dos grafemas <y> e <h> em substituição aos grafemas <i> e <e>, respectivamente. Em relação à funcionalidade de gênero, constatamos que as artistas drag queens participantes da pesquisa marcam, na representação linguística do seu nome artístico, uma unicidade e uma individualidade que distanciam sua performance da sua identidade de gênero e intentam, com essa unicidade e individualidade, atrair a atenção dos seus seguidores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade linguística. Antropônimos. Processos morfológicos. Estilização ortográfica. Nomes artísticos.

are dictionary variants and 80% have stylized spelling from the duplication of grapheme, in particular the consonant <l>. In addition, we found the insertion of graphs such as <c> and <h> and the use of graphs <y> and <h> to replace the graphs <i> and <e>, in turn. Regarding gender functionality, we found that the artists drag queens participating in the research mark, in the linguistic representation of their artistic name, a uniqueness and an individuality that distance their performance from their gender identity and try, from this uniqueness and individuality, to attract the attention of their followers.

**KEYWORDS:** Linguistic identity. Anthroponyms. Morphological processes. Orthographic styling. Artistic names.

## 1 Considerações iniciais

Este artigo<sup>1</sup> tem por objetivo investigar as relações linguísticas entre os nomes artísticos de artistas *drag queens* e o prenome desses sujeitos, e observar como se comportam morfológicamente e ortograficamente as renomeações e se elas trazem marcas de identidade linguísticas e marcas de gênero, verificando se há alguma relação entre questões culturais/sociais e identidade linguística e de gênero.

<sup>1</sup> Este artigo é recorte de pesquisa de Mestrado intitulada inicialmente “Nomes sociais de pessoas da comunidade LGBT Rondoniense: questões de identidade linguística e de gênero” e reformulada, *a posteriori*, para “Nomes sociais de pessoas transgêneros e nomes artísticos de *drag queens* do Estado de Rondônia: questões de identidade linguística e de gênero” desenvolvida pela primeira autora sob a orientação da segunda autora. A pesquisa foi instruída em Processo 78649817.1.0000.5300 e teve Parecer Consubstanciado de Número 2.515.857 emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da Universidade Federal de Rondônia com o *status* final de Aprovada.

Desse modo, pretende-se, pontualmente, estudar a morfologia flexional e a derivacional, como processos formadores de antropônimos, observando também os processos de estilização ortográfica nas renomeações de artistas *drag queens* que fazem uso de nomes artísticos em substituição ao prenome, em uma representação linguística que se vincula a funcionalidade de gênero do artista.

A bibliografia que sustentará a análise terá fulcro, dados os limites de um artigo, em pesquisadores como Guérios (1981), Amaral (2008), Câmara Júnior (2011 [1970], 2011 [1997]), Monteiro (2002 [1986]), Cagliari (1999), Massini-Cagliari (2011) e Rocha (2008). Para o debate sobre a questão identitária, valemo-nos de reflexões de estudiosos como Silva (2017) e Butler (2000, 2011, 2017 [1990]), Louro (2017) e Jesus (2012, 2015).

Trata-se de uma pesquisa tanto qualitativa quanto quantitativa em que se coletou um total de cinco nomes de artistas *drag queens* e que nasceu do anseio de conhecer, ainda que minimamente, os aspectos linguísticos e sociais que envolvem a adoção de nomes artísticos por esses sujeitos que, por questões de funcionalidade ou de expressão de gênero, desejam adotar um nome diferente de seu prenome.

## 2 Pressupostos teóricos

Tudo no mundo é nomeado, seja o já descoberto ou o que se está por descobrir e, conseqüentemente, por se nomear. Nesse campo de nomear, de acordo com Câmara Júnior (2011 [1997], p. 226), a Onomástica, ou Onomatologia, insere-se como a ciência que trata dos nomes próprios se constituindo como objeto relevante dos estudos lexicológicos se inscrevendo, pois, no ramo da Lexicologia e tem base etimológica no vocábulo grego “Onoma” que significa “nome” e, conforme nos informam Dubois *et al* (2014 [1978], p. 412) a Onomástica “é o ramo da lexicologia que estuda a origem dos nomes próprios”.

Dubois *et al* (2014 [1978], p. 412) ressaltam que a Onomástica é dividida em dois grupos: o dos nomes próprios locativos, chamados de topônimos e o dos nomes próprios personativos, chamados de antropônimos.

Sobre os antropônimos, conforme proposta de Amaral (2008, p. 78), estes são representados pelos ortônimos, que são os prenomes e os sobrenomes; e os alônimos, que são os hipocorísticos, os apelidos ou as alcunhas, os pseudônimos, os heterônimos, os nomes artísticos ou de palco e o nome de guerra. No caso do alônimo nome de guerra, Amaral (2011) resalta que, em princípio, ele poderia ser confundido com o nome artístico, embora com maior abrangência, visto que não se aplica somente ao meio artístico, uma vez que é utilizado comumente no meio militar em que corresponderia a um pseudônimo ou apelido conhecido em qualquer esfera de atividade.

Em nossa pesquisa, os antropônimos considerados serão o prenome, que conforme dispõe *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa* (2011, p. 1021) é definido como “*s.m. – Nome que precede o sobrenome; nome de batismo*” e nome artístico, que, conforme Amaral (2008, p. 78), é nome empregado por escritor, artista ou outra pessoa em lugar do seu nome verdadeiro. É escolhido pelo portador do nome próprio. No âmbito jurídico, quando “adotado para atividades lícitas goza da proteção que se dá ao nome”, entendido o nome como prenome e sobrenome, tanto sob a ótica patrimonial quanto à vertente do direito de personalidade, conforme preceitua o artigo 19 da Lei 10.406/2002.

A Morfologia, por sua vez, é o ramo da Linguística que estuda a estrutura interna das palavras definindo, delimitando e classificando as unidades mínimas significativas que a compõem. Nas palavras de Trask (2011 [2004], p. 199), é o ramo da

linguística que estuda a estrutura das palavras, sendo que estas têm uma estrutura interna e são constituídas de unidades menores chamadas de morfemas<sup>2</sup>.

Sobre os processos morfológicos de formação de nomes, Zanotto (2006), Souza-e-Silva e Koch (2014) são unânimes na afirmação de que os processos gerais de formação de palavras em português são basicamente dois: a derivação e a composição.

Sobre os processos de formação dos antropônimos, Monteiro (2002 [1986], p. 205) observa que “os princípios morfológicos dos nomes próprios são praticamente os mesmos processos de formação que formam nomes comuns”. O autor apresenta os principais processos de formação dos antropônimos, ligando-os diretamente à derivação e à composição, como processos formadores de nomes comuns voltados aos nomes personativos. Para o autor, os processos de formação de antropônimos são:

- a) **Sufixação:** segundo Monteiro (2002 [1986], p. 206), “se caracteriza pela anexação, em especial, de diminutivos aos nomes personativos”. Tal afirmação tem base na relação de proximidade entre o léxico comum e o léxico antroponímico.
- b) **Composição:** segundo Monteiro (2002 [1986], p. 206), a composição em nomes próprios personativos “se associa a dos nomes comuns”. Observa Monteiro composição na formação de nomes como José Maria, Pedro Paulo, Marieta, Antonieta, Carmelita, Lucíola, Angélica, Faustino, Fidelino, e em justaposições facultativas como em Rosamaria, Rosalinda, Anabele, Anameire a ocorrência de crase e elisão na aglutinação com fim de desfazimento de hiato como ocorre em Rosalva (*Rosa Alva*), Maristela (*Maria Estela*).
- c) **Braquissemia:** para Monteiro (2002 [1986], p. 192) “é o emprego de uma parte do vocábulo pelo vocábulo inteiro” e se baseia no princípio da

---

<sup>2</sup> Segundo Zanotto (2006, p. 29), “é a unidade mínima de que se compõe o vocábulo”. Sobre o morfema, o autor lembra que “é a unidade mórfica mínima, podendo coincidir, mas não se confundindo nem com vocábulo, nem com sílaba, nem com fonema”.

economia da linguagem sendo resultado da subtração de morfemes e “o elemento restante passa a valer pelo todo de quem provém” e “em nomes próprios personativos se associa a dos nomes comuns é recorrente na formação dos hipocorísticos<sup>3</sup>” e cita como exemplo de braquissemia mudanças de nomes como de *Maximiliano* para *Max*, *Alexandre* para *Alex*, *Elizabete* para *Elis*.

- d) **Acrossemia:** segundo Monteiro (2002 [1986], p. 193) consiste “na combinação de sílabas ou fonemas extraídos dos elementos de um nome composto” conforme se observa em formações como Frederecindo (a partir de Frederico e Gumercindo), Jomar (a partir de José e Maria), Erlice (a partir de Ernesto e Alice) e Claudionor (a partir de Cláudio e Leonor).
- e) **Anagrama:** conforme Monteiro (2002 [1986], p. 207) consiste na “inversão total das letras de um nome, de tal modo que resulte um outro”. Trata-se, segundo Câmara Júnior (2011 [1997], p. 57) “de um artifício para disfarçar a palavra através da troca de posição das letras e dos fonemas a elas correspondentes” e com ocorrência discreta no caso dos antropônimos, a exemplo da troca de posição ortográfica e fonética que ocorre de *Catarina* para *Natércia*, e no famoso caso de *América* para *Iracema*, famosa obra de José de Alencar.

Câmara Júnior (2011 [1970]) destaca que os nomes, semanticamente, representam “coisas ou seres” e “são vocábulos suscetíveis de flexão de gênero e número” e que “o gênero condiciona uma oposição entre a forma masculina e a feminina a partir da flexão básica de um sufixo flexional”, também chamado de desinência “-a” (átomo final), para a marca do feminino” sendo que “o masculino e o

---

<sup>3</sup> Segundo Monteiro (2002 [1986], p. 209), hipocorístico é “o processo apelativo usado na linguagem familiar para traduzir carinho ou qualquer palavra criada por afetividade”

singular se caracterizam pela ausência da marca de feminino e de plural” e são marcados pelo morfema gramatical zero (Ø).

Importante também apresentar uma diferenciação que comumente é desconsiderada por ideologias essencialistas entre gênero e sexo. Sobre essa associação que se faz entre gênero e sexo, Silva e Koch nos trazem considerações importantes em termos linguísticos. As autoras, que se baseiam nas colocações de Câmara Júnior (2011 [1970], p. 58), reforçam que

quanto à *natureza*, a flexão de gênero costuma ser associada intimamente ao sexo dos seres. Contra essa interpretação, têm-se os seguintes argumentos: a) o gênero abrange todos os nomes substantivos portugueses, quer ser refiram a seres animados, providos se sexo, quer designem apenas “coisas” como: *mesa, ponte, tribo*, que são femininos (procedidos do artigo *a*) ou *sofá, pente, prego* que são masculinos (procedidos do artigo *o*); b) o conceito de sexo não está necessariamente ligado ao de gênero: mesmo em substantivos referentes a animais e pessoas há algumas vezes discrepância entre gênero e sexo. Assim, a *testemunha*, a *cobra* são sempre femininos e o *cônjuge* e o *tigre* sempre masculinos, quer se refiram a seres do sexo masculino ou feminino (SILVA; KOCH, 2014, p. 65 – grifos nossos).

Sobre ortografia, tomemos as lições de Pasques (1996) para quem

a ortografia é a forma visível e duradoura das palavras; a pronúncia é apenas sua expressão articulada, o acento que varia segundo as épocas, os lugares e as pessoas. E conserva sempre um caráter e uma fisionomia de família que ligam as palavras à sua origem e as trazem de volta ao seu verdadeiro sentido. (PASQUES, 1996, p. 37).

Segundo Cagliari (1999, p. 19), a finalidade da ortografia é ““permitir a leitura” e neutralizar a variação linguística no nível do léxico no momento em que é realizada” e o ato de escrever ortograficamente significa, nas palavras de Massini-Cagliari (1999, p. 30), “escolher uma única forma para as palavras de uma língua, independentemente

de quantas pronúncias diferentes possam estar ligadas a elas. A escolha de qual seja a forma ortográfica de cada palavra e, em geral, arbitrária.”

No entanto Sabóia (1998) apresenta o estatuto da variação ortográfica. Para o autor

a variação ortográfica é dada pela diferença mínima, não-distintiva, entre significantes e uma completa identidade de significados, tendo em vista a representação escrita da língua como em ‘acto’ e ‘ato’ (substantivos). Logo, o estatuto da variação ortográfica é dado pela variação da forma escrita, ou seja, do significante gráfico, tendo em vista as formas consideradas corretas, sob a perspectiva oficial. (SABÓIA, 1998, p. 282 *apud* SOUZA, 2006, p. 34).

Sabóia (1998 *apud* SOUZA, 2006, p. 34) também apresenta as terminologias variante ortográfica e variante ortográfica propriamente dita e explica a tênue diferença entre as duas terminologias. Segundo a autora, variante ortográfica trata-se de “vocábulos que apresentam variação de um ou dois segmentos, no máximo, alterando o significante, sem alterar o significado” como em catorze e quatorze. Alterando o significado, tem-se, segundo Souza (2006, p. 34) “uma variante ortográfica propriamente dita” como em “cota” e “quota”. Sem entrar nessa terminologia, Dubois *et al* (2014 [2004], p. 569), citando Hjelmslev, conceituam tão somente o termo variante como “uma forma de expressão diferente de outra quanto à forma, mas que não acarreta mudança de conteúdo em relação a essa outra” e explicam que

se duas *unidades linguísticas* (fonema ou morfema) figuram no mesmo ambiente (fonológico ou morfológico) e se elas podem ser substituídas uma pela outra sem que haja uma diferença no sentido denotativo da palavra ou frase, então os dois fonemas ou os dois morfemas são *variantes livres*. (DUBOIS *et al*, 2014 [2004], p. 568)



No campo da identidade, diversos e diferentes ramos das Ciências Sociais buscam definir um conceito para o termo identidade em virtude da complexidade de sua definição. Enfocando uma raiz antropológica, Candau explica que,

identidade é um conceito polissêmico, podendo representar o que uma pessoa tem de mais característico ou exclusivo, ao mesmo tempo em que indica que pertencemos ao mesmo grupo. (CANDAU, 2002, p. 31).

Com relação especificamente à identidade de gênero, Judith Butler é a primeira estudiosa a utilizar o termo performatividade para analisar a des(construção) de identidade e relacioná-lo à identidade de gênero. Sobre essa articulação, Louro destaca que Butler

toma emprestado da linguística o conceito de performatividade, para afirmar que a linguagem que se refere aos corpos e ao sexo não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas no instante mesmo da nomeação, constrói, 'faz' aquilo que nomeia, isto é, produz os corpos e os sujeitos. (LOURO, 2017, p. 43).

O conceito de performatividade de Butler está, assim, relacionado ao termo performativo inicialmente utilizado por J. L. Austin. Segundo Dubois *et al* (2014 [2004]).

- 1) J. L. Austin denomina de verbos performativos os verbos cuja enunciação realiza a ação que eles exprimem e que descrevem certa ação do sujeito que fala. *Eu digo, eu prometo, eu juro* são verbos performativos porque, ao enunciar esta frase, se pratica a ação de dizer, de prometer, de jurar.
- 2) E. BENVENISTE opõe os verbos performativos de sentido aos verbos de atitude, que descrevem a ação realizada, ao enunciarmos a proposição que segue o verbo de atitude.
- 3) Qualificam-se de performativos os enunciados ilocucionários que significam a menção de impôs através da fala um certo comportamento (ordem). (DUBOIS *et al*, 2014 [2004], p. 433).

Desse modo, Butler amplia o conceito de performativo analisando, segundo Silva (2017 [2000], p. 93), “a produção da identidade como uma questão de performatividade” sendo a performatividade compreendida, conforme explica Butler (2000, p. 154), “não como um ato singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e situacional pela qual o discurso produz os discursos que ele nomeia”.

No que tange à funcionalidade de gênero, Jesus (2012, p. 2) caracteriza *crossdressers*<sup>4</sup>, *drag queens*, *drag kings* e transformistas. Sobre a definição de *drag queens*, Jesus (2012, p. 12) explica que são “artistas que fazem uso de feminilidade estereotipada e exacerbada em suas apresentações” e sobre a definição de *drag kings*, também segundo a autora, “são mulheres fantasiadas como homens”, tratando-se, assim, tanto *drag queen* quanto *drag king* de artistas que vivenciam a inversão do gênero em performance representativa.

Nessa performance representativa de uma *drag*, as identidades se misturam e se hibridizam. Louro (2017, p. 21) resume essa pluralidade de identidades presente na representação performática de uma *drag* afirmando que “a drag é mais de um. Mais de uma identidade, mais de um gênero, propositalmente ambígua em sua sexualidade e em seus afetos” de forma que as drags escancaram a construtividade dos gêneros e “em sua ‘imitação’ podem ser revolucionárias”.

---

<sup>4</sup> Segundo Jesus (2012, p. 10), *crossdresser* é termo “variante de travesti” usado “para se referir a homens heterossexuais, geralmente casados, que não buscam reconhecimento e tratamento de gênero (não são transexuais), mas, apesar de vivenciarem diferentes papéis de gênero, tendo prazer ao se vestirem como mulheres, sentem-se como pertencentes ao gênero que lhes foi atribuído ao nascimento, e não se consideram travestis”.

### 3 Metodologia

Em um primeiro momento, preocupamo-nos com os Aspectos Legais que norteiam pesquisas envolvendo seres humanos em obediência ao que determinada a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

O instrumento de pesquisa utilizado para geração dos dados foi questionário pré-estruturado composto de perguntas abertas e de pergunta fechada disponibilizado aos participantes através da plataforma [docs.google.com/forms](https://docs.google.com/forms) ou pessoalmente, sempre obedecendo à preferência do participante, de forma a possibilitar e ele o mínimo de interferência do pesquisador e o máximo de liberdade do participante.

Para realização da pesquisa de campo, delimitou-se a área geográfica do estado de Rondônia e voluntariam-se para responder ao referido questionário um total de cinco participantes que fazem uso de nomes artísticos. Embora tenhamos compreendido na pesquisa coletar nomes de artistas *drag kings*, não foi possível a participação de colaboradores com essa funcionalidade de gênero no âmbito de nossa pesquisa. Tal fato se deu em virtude de que não há, ou não se dispuseram a participar, no estado de Rondônia, artistas com essa funcionalidade de gênero. Os prenomes e os nomes artísticos coletados compõem o nosso *corpus*.

Os sujeitos do *corpus* são artistas *drag queens* do Estado de Rondônia que fazem uso de nome artístico em substituição ao prenome e que se declararam em pleno exercício de capacidade civil e se dispuseram a responder, sob a égide da mais plena liberdade e na condição primordial de sigilo absoluto de seus dados pessoais, ressalvados o prenome e o nome artístico, ao questionário que lhes fora disponibilizado na plataforma [docs.google.com/forms](https://docs.google.com/forms) ou pessoalmente.

As perguntas feitas aos participantes foram: 1) “Qual o seu nome civil, ou seja, o seu nome de registro”? 2) Você faz uso de Nome artístico a que foram apresentadas as seguintes opções: a) Sim, faço uso de nome artístico; b) Não.

Os participantes que assinalaram a opção “*Sim, faço uso de nome artístico*” foram direcionados para a seguinte pergunta: 1) *Qual o seu nome artístico?*

Com relação à análise de dados para esta pesquisa, analisaram-se as renomeações com base em duas grandes áreas do conhecimento: de gênero e de identidade linguística, subdividindo-se esta em morfologia e em ortografia.

Interessou-nos a relação entre o nome artístico e a funcionalidade ou a expressão de gênero do ponto de vista da formação dos nomes, bem como saber se a ortografia das renomeações são vernáculas ou se passaram por um processo de estilização ortográfica em relação ao Português Brasileiro-PB, e se a representação linguística marca no nome artístico dos artistas *drags* um distanciamento de seu gênero.

Com relação à técnica de análise de dados, foi utilizada a técnica de comutação que ampara análises morfológicas.

#### 4 Resultados

Com a coleta de dados, conseguimos obter os nomes artísticos constantes do Quadro 1, abaixo:

Quadro 1 – Correspondência entre prenomes e nomes artísticos coletados.

<b>Prenome</b>	<b>Nome Artístico</b>
Ítalo	Alessia Gioia
Alexandre	Ariella Fernanda
Ronilson	Gabriely Facchini
Paulo C.	Paulleth Top Diva
Welisson	Potty Paolla Palloma

Fonte: elaborado pelas autoras com base na pesquisa de campo.

No que tange à identidade morfológica entre os prenomes e os nomes artísticos, Quadro 1, os percentuais gerais são os constantes da Tabela 1, abaixo:

Tabela 1 – Percentual geral de identidade morfológica entre as renomeações e os prenomes.

	Total geral	
	Quant.	%
<b>Apresentam identidade morfológica</b>	1	20%
<b>Não apresentam identidade Morfológica</b>	4	80%
<b>Subtotais</b>	5	100%

Fonte: elaborada pelas autoras.

Considerando-se conjuntamente os nomes apresentados no Quadro 1, observa-se na Tabela 1, acima, que 80% dos nomes artísticos não apresentam identidade morfológica com os prenomes, ao passo apenas 20% apresentam identidade morfológica com os prenomes.

Considerando as renomeações que apresentam identidade morfológica com os prenomes, a Tabela 2, abaixo, apresenta, percentualmente, os processos de formação de antropônimos encontrados em nossa pesquisa:

Tabela 2 – Percentual dos processos de formação dos nomes artísticos com identidade linguístico-morfológica com os prenomes.

Processo de formação dos nomes artísticos	Quant.	Percentuais		Prenome/nome artístico
		Das renomeações com identidade morfológica	Sobre o total de renomeações	
<b>Derivação:</b> sufixal ou sufixação	01	20%	20%	Paulo/Paulleth Top Diva

Fonte: elaborada pelas as autoras.

Os dados da Tabela 2 indicam que o único processo utilizado para a formação de nomes artísticos coletados foi a derivação e tal processo foi utilizado na formação do primeiro nome artístico do nome composto “Paulleth Top Diva”.

Conforme Câmara Jr.,

o gênero, que condiciona uma oposição entre forma masculina e forma feminina, tem como flexão básica para um sufixo flexional, ou desinência *-a* (átono final) para a marca do feminino. [...] Assim, o masculino e o singular se caracterizam pela ausência das marcas de feminino e de plural (CÂMARA JÚNIOR, 2011 [1970], p. 84, grifos nossos).

Baseando-se nessa afirmação do autor, considera-se que é o feminino o responsável pela marcação de gênero, uma vez que o autor considera que o gênero masculino não tem marca morfológica e é o feminino que marca as oposições, de forma que a vogal átona final “-o” funciona como vogal temática do vocábulo e tem como correspondência o morfema zero para o gênero, enquanto o “-a” (átono final) é justamente uma oposição ao zero e a marca de feminino. Também segundo o autor, a flexão de gênero se dá com a supressão da vogal temática e o acréscimo da vogal “-a” (átona final). Sendo assim, em pares cuja diferença morfológica está na oposição de /o/ e /a/ final átonos, tem-se morfema zero para a vogal temática “o” e morfema flexional de gênero representado na vogal /a/ átona final.

Câmara Júnior (2011 [1970], p. 89) sintetiza, enfim, que a “a flexão de gênero é uma só, com pouquíssimos alomorfes: O acréscimo, para o feminino, do sufixo flexional *-a* (/a/ átono final) com a supressão da vogal temática, quando ela existe no singular: *lob(o) + a = loba; autor +a = autora.*”

Também consoantes às lições de Rocha (2008, p. 103) a derivação sufixal “consiste na anexação de um sufixo a uma base” e apresenta “uma relação de regularidade que se estabelece entre uma base e um produto” e, segundo Monteiro (2002 [1986], p. 142), com a sufixação “o vocábulo primitivo aumenta seu volume fonético” e, como processo de formação de nomes próprios, ainda segundo Monteiro (2002 [1986], p. 206), “em geral, os derivados por sufixação são diminutivos de prenomes consagrados” conforme se observa em *Mari(a)/Mari+eta*, *Antôni(a)/Antoni+eta*, *Carmel(a)/Carmel+ita*.

O Quadro 2, abaixo, apresenta uma segmentação morfológica com os dados relativos às realizações do par Paulo/Paulleth:

Quadro 2 - Segmentação do prenome Paulo e do nome artístico Paulleth.

Vocábulo	MD (prefixo)	Rz (Raiz)	MD (sufixo)	VA	VT	MFG
Paulo		paul			o	Ø
Paula		paul				e
Paulete		paul	ete	e	e	

Fonte: elaborado pelas autoras.

MD-Morfema Derivacional; VA-Vogal Atemática; VT-Vogal Temática; MFG-Morfema Flexional de Gênero.

No caso em tela, o processo de formação do feminino baseado na forma não marcada “Paulo” se dá com a supressão da vogal temática “o” seguida de acréscimo de vogal temática “a” formando o feminino “Paula”. Já na formação do nome artísticos “Paulleth” em oposição ao prenome “Paulo” percebe-se a supressão do morfema zero e o acréscimo mórfico do morfema “+ete”, morfema predominantemente característico de diminutivo feminino, à forma de base “paul”, originando o prenome “Paulete”, que foi estilizado ortograficamente através da duplicação da consoante lateral /l/ e da substituição da vogal átona final /i/ pela consoante não sonoro em Português Brasileiro /h.

Em relação à ortografia das renomeações, os nomes artísticos foram consultados, em primeiro momento, no *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes* de Guérios (1981), em seguida, no *Dicionário de nomes: todos os nomes do mundo* de Oliver (2013), e, por fim, no endereço eletrônico *www.ibge.gov.br*, dentro da plataforma *Nomes do Brasil*, no entanto, os nomes dispostos apenas nesse ambiente virtual não foram considerados como dicionarizados. Destacamos que alguns nomes não constam dos referidos dicionários e da referida plataforma, o que, *à priori*, pressupõe se tratar de novas criações ou de nomes que ainda não se popularizaram no arcabouço antroponímico brasileiro.

Os nomes coletados foram considerados, em segundo momento, na categoria de “usuais do PB” dividida nas subcategorias “dicionarizado”, que são nomes consagrados pelo PB e utilizados com naturalidade por brasileiros e sem referência a outras língua; “variante dicionarizada”, que são nomes dicionarizados ou já popularizados que seguem ortografia padrão do PB, mas que diferem no contexto fonológico e nomes com “ortografia estilizada”, que são nomes dicionarizados ou já popularizados que seguem ortografia padrão do PB, mas que adotam ortografias estilizadas embora mantenham o mesmo padrão fonológico dos prenomes dicionarizados ou já popularizados, e na categoria “não usuais do PB”, dividida nas subcategorias “nova criação” que são pré-nomes não dicionarizados e não popularizados no PB e “origem estrangeira”, que são nomes cujo padrão ortográfico não correspondem ao padrão ortográfico do PB sendo, possivelmente, importados de outras línguas.

Conforme demonstraremos no Quadro 3, abaixo, alguns fenômenos coocorrem.

Quadro 3 - Amostragem de nomes “usuais do PB” e “não usuais do PB”.

Nome Artístico	Usual no PB			Não usual no PB	
	Dicionarizado	Variante dicionarizada	Ortografia estilizada	Nova criação	Origem estrangeira
Alessia Gioia ***	Alécia **		X		
Ariella Fernanda ***	Ariela **		X		
Gabriely Facchini ***	Gabriele ** Gabriela*	X	X		
Paulleth TopDiva	Paulete **		X		
Potty Paolla Palloma					X

Fonte: elaborado pelas autoras

\*Guérios (1981) - \*\* Oliver (2013) - \*\*\* [www.ibge.gov.br/nomes](http://www.ibge.gov.br/nomes) (acesso em 17 fev. 2019)

NE - Não Encontrado



Fundamentados nas classificações apresentadas no Quadro 3, obtivemos os dados percentuais constantes da Tabela 3, abaixo:

Tabela 3 – Distribuição percentual da categoria Usual e Não usual do PB e subcategorias.

Categoria	Usuais do PB		Não usuais do PB	
	Quant.	Porcentagem (%)	Quant.	Porcentagem (%)
Nomes artísticos	4	80%	1	20%
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>80%</b>	<b>1</b>	<b>20%</b>

Fonte: elaborada pelas autoras.

Da leitura conjunta dos dados totais constantes da Tabela 3, acima, e do Quadro 3, que a antecede, observa-se que, do total de cinco nomes amostrados, o maior percentual, isto é, 80%, encaixa-se na categoria de nomes “usuais do PB”. Percebe-se, ainda que o menor percentual, isto é, 20% se encaixam na categoria de nomes “não usuais do PB”, quando considerados os nomes em sua composição por nomes duplos.

Por sua vez, quando considerada a categoria de nomes “usuais do PB”, subdividida nas categorias de nomes “dicionarizado”, “variante dicionarizada” e “ortografia estilizada”, a Tabela 4, abaixo, demonstra os percentuais distribuídos em subcategorias:

Tabela 4 – Porcentagem das subcategorias encontradas na categoria “usuais do PB”.

Categoria	Usuais do PB					
	Dicionarizado		Variante dicionarizada		Ortografia estilizada	
Subcategorias	Quant.	Porcentagem (%)	Quant.	Porcentagem (%)	Quant.	Porcentagem (%)
Nomes artísticos	-	-	1	20%	4	80%
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>1</b>	<b>20%</b>	<b>4</b>	<b>80%</b>

Fonte: elaborada pelas autoras.

Dos nomes apresentados em nosso corpus, observa-se na Tabela 4, acima, que nomes dicionarizados parecem não ser adotados por artistas *drag queens* ao passo que a grande maioria opta por nomes com ortografia estilizada.

Sobre a ortografia estilizada de nomes personativos, Massini-Cagliari (2011, p. 798) afirma que, algumas vezes ela atribui aos nomes um “caráter estranho” e que “muitas vezes, o caráter ‘estranho’ atribuído a alguns nomes reside apenas na ortografia, uma vez que se trata de nomes já bastante utilizados em solo brasileiro” e que “a forma ortográfica adotada pode ser um índice da adaptação de nomes estrangeiros, inclusive no caso de nomes próprios.” A autora destaca ainda que alguns nomes “não tão comuns em termos de uso, podem ser considerados dentro desse mesmo grupo, uma vez que não apresentam padrões estranhos ao PB, em termos de fonologia” e cita como exemplos antroponímicos os nomes *Deborah Christina Thais Maryanna Wanya Michell, Anniely, Yuri*.

Segundo Macedo (2015, p. 94), nomes com ortografia estilizadas são nomes que “ao invés de seguirem o padrão da ortografia da língua portuguesa previsto pela Gramática Normativa, tiveram as marcas estilísticas de seus criadores expressas”.

Percebe-se, assim, a estilização ortográfica do nome artístico Alessia Gioia, cujo primeiro prenome é estilização ortográfica do prenome “Alécia”, Ariella Fernanda, cujo primeiro nome é estilização ortográfica do nome “Ariela”, que por sua vez é formado de sufixação da vogal átona /a/ à forma de base “Ariel” e, também conforme já analisado anteriormente, do nome artístico “Paulette Top Diva”, cujo primeiro nome é estilização ortográfica do prenome “Paulete”. Observa-se ainda, a ocorrência de estilização ortográfica de nome variante já dicionarizado em Gabriely, que se trata de uma estilização da variante Gabriele que, por sua vez, é variante do nome dicionarizado “Gabriela”.

Já quando considerada a categoria de nomes “não usuais do PB”, subdividida nas categorias de nomes “nova criação”, “origem estrangeira” temos os percentuais constantes da Tabela 5, abaixo:

Tabela 5 – Porcentagem das subcategorias encontradas na categoria “não usuais do PB”.

Categoria	Não usuais do PB			
	Novas criações		Origem estrangeira	
Subcategorias	Quant.	Porcentagem (%)	Quant.	Porcentagem (%)
Nomes artísticos	-	-	1	20%
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>0%</b>	<b>1</b>	<b>100%</b>

Fonte: elaborada pelas autoras.

Ainda da leitura dos dados totais da Tabela 3, percebe-se que, do total de cinco nomes amostrados, o menor percentual, isto é, 20% se encaixam na categoria de nomes “não usuais do PB”, e dentro dessa categoria, a totalidade dos nomes apresentam alguma origem estrangeira, em especial quando considerados os nomes em sua composição por nomes duplos.

Sobre a estilização ortográfica e a composição de nomes duplos, estudo de Taiana Grespan (2014) intitulado *Antroponímia de Toledo – Paraná – 1954-2004: aspectos inovadores* procurou compreender a forma como os habitantes de Toledo, no estado do Paraná, nomeiam seus filhos. Baseando-se nos pressupostos da Antroponomástica, Grespan procedeu, no referido estudo, à análise de 600 nomes registrados entre os anos de 1954 e 2004. A pesquisadora concluiu que a comunidade toledense apresenta alguns comportamentos inovadores, “em virtude do súbito aumento de frequência” quanto à nomeação dos filhos como a escolha de nomes duplos ou de modificadores como “y, ll, nn, th, ph, dentre outros” como Will, Wendell, Annalys, Ágatha, Raphael. Assim, o estudo desenvolvido por Grespan reforça, segundo a autora, a hipótese de que o nome pode revelar as características culturais de uma comunidade.

Sobre a formação de antropônimos compostos, e com base nas lições sobre formação de palavras, Souza (2009) estudou a formação de nomes compostos personativos e a formação de nomes compostos simples e, à semelhança de Monteiro (2002 [1986], p. 205), concluiu que os comportamentos de ambos se assemelham.

Utilizando critérios morfológicos e sintáticos, Souza (2009, p. 131) observou que, no caso da composição de nomes simples, a composição morfológica pode ser definida

como "um processo de formação de palavras que pode dar origem a uma estrutura de modificação, por adjunção à esquerda, sendo binárias e tendo o núcleo à direita", formando-se pela combinação de classes gramaticais "S (substantivo) +S / S+A (adjetivo) / A+S / V (verbo) + S / S+V / S+de+S"; e a composição sintática pode ser definida, segundo Souza (2009, p. 131) como "uma estrutura coordenada por conjunção (adjunção simétrica), em que é possível admitir que todos os radicais coordenados pertencem a uma mesma categoria sintática".

No entanto, a autora ressalta que em virtude do esvaziamento semântico sofrido pelos antropônimos, a sua composição em mais de uma base não configura como mudança de significado, razão pela qual, segundo a autora, os nomes compostos não figuram em dicionários, ainda que antropônimos, como se observa na maioria dos nomes simples.

Fundamentada nessa interpretação, a autora ressaltou que os antropônimos compostos são, na verdade, nomes duplos, e isso, segundo a autora, por dois motivos:

primeiro, nada impede que todos os antropônimos de uma língua sejam duplos, contudo, não parece ser plausível que todos os nomes comuns de uma língua sejam formados por composição; nem sempre os nomes próprios duplos representam uma ideia única é autônoma. Além disso, não se pode propor que os chamados nomes duplos sejam dicionarizadas, enquanto os nomes comuns compostos, em sua maioria, o são (SOUZA, 2009, p. 133)

Em nossa pesquisa, encontramos os nomes duplos Potty Paolla Palloma e Paulleth Top Diva. Em ambos os casos, os prenomes finais não são usuais do Português Brasileiro.

No artístico "Potty Paolla Palloma", observa-se um formação de três prenomes de origem estrangeira, em que o primeiro prenome apresenta característica de origem inglesa e os dois últimos prenomes apresentam origem italiana.

Já no nome artístico “Paulleth Top Diva” tende a divergir das colocações de Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 13) que, ao apresentarem considerações sobre a significação dos nomes próprios, afirmam que eles “não apresentam um significado descritivo capaz de identificar o referente”, uma vez que se pode perceber que se tomarmos como referência o nome artístico em tela, temos que a ausência de significado não seja uma regra visto que na formação “Top Diva” o verbete onomatopaico “top”, embora se trate de um substantivo de origem inglesa incorporado ao Português Brasileiro como referente de “corpete sem alça”, conforme disposto no *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras* (2011, p. 1241), conota, conforme dispõe o *dicio-dicionário on line do português*<sup>5</sup>, “boa qualidade, coisa boa” e o verbete “diva”, por sua vez, conota, conforme dispõe o *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras* (2011, p. 452) “1. deusa, divindade; 2. atriz ou cantora notável” e, no *dicio-dicionário on line do português* o significado está relacionado a adjetivações e adjetivos como “mulher brilhante, diferente, incomum, perfumada, bonita, sexy, inteligente”.

## 5 Considerações finais

Este estudo buscou, por meio de análise de prenomes e de nomes artísticos de *drag queens* investigar as relações linguístico-morfológicas decorrentes da adoção de nomes artísticos por *drag queens* em substituição ao prenome desses sujeitos.

Como objetivos secundários, dedicamo-nos a investigar se as renomeações guardam semelhança morfológica com os prenomes e se ocorre estilização ortográfica.

Trabalhamos com a hipótese de que o nomes artísticos poderiam apresentar uma identidade morfológica com o prenome (por exemplo, troca do feminino pelo masculino do mesmo nome e vice-versa), bem como com a hipótese de possibilidade de estilizações ortográficas e de inspirações estrangeiras que possam agradar às

---

<sup>5</sup> Disponível em: [www.dicio.com.br](http://www.dicio.com.br), acesso em: 20 de mar. de 2019.

peessoas que adotam nomes artísticos em virtude da sua funcionalidade ou da expressão de gênero em suas atividades profissionais.

No que tange à identidade morfológica entre os nomes artísticos analisados e os prenomes, constatou-se que apenas 20% das artistas *drag queens* escolhem nomes artísticos com identidade morfológica com o prenome.

Em relação aos processos formadores de antropônimos que apresentam identidade morfológica entre si, o único processo utilizado na formação dos nomes analisados foi a derivação, e esse processo, ainda assim não resultou significativo visto que seu uso se deu em apenas 20% dos nomes coletados.

Em relação à ortografia dos nomes artísticos analisados, foi possível observar que o maior percentual, ou melhor, 80% se encaixa na categoria de nomes “usuais do PB” e que o menor percentual, isto é, 20% se encaixa na categoria de nomes “não usuais do PB”. Dentro do que categorizamos como nomes “não usuais do PB”, constatamos que a totalidade se encaixa na subcategoria de “origem estrangeira” em especial quando considerados em sua composição por nomes duplos.

Em relação à estilização ortográfica, nossa pesquisa constata que, majoritariamente, os nomes artísticos analisados neste estudo são nomes que apresentam estilização ortográfica bem como duplicação de consoantes e inserção de grafemas com vistas a diferenciá-los, ortograficamente, de variantes comumente utilizadas.

Tal escolha sugere que as artistas *drag queens* em foco na nossa pesquisa, ao expressarem na escolha do seu nome artístico a funcionalidade de gênero, intentam marcar no seu nome, não apenas uma individualização, mas também uma unicidade, nomeando-se, a exemplo de artistas que não representam funcionalidade de gênero, com nomes que não são populares e que atraem para si a atenção, seja pela sonoridade, seja pela representação ortográfica, de forma a destacar-se entre os seus seguidores como se observa nos nomes que deram fulcro à nossa análise e que pouco, ou nada, se

diferenciam, *à priori*, da representação linguística de nomes artísticos de inúmeras personalidades públicas e seu emprego se dá, quase sempre, com o uso de nomes compostos a exemplo de artistas *drag queens* já consagradas que adotam pseudônimos como Pablo Vittar, Glória Groove, Léo Áquila, Loreley Fox, Bianca Del Rio, Silvetty Montilla e Nany People comportando, inclusive, carga semântica.

## Referências

AMARAL, E. T. R. **Nomes próprios**: análise de antropônimos do espanhol escrito. 2008. 196 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

AMARAL, E. T. R. Antropônimos do Português Brasileiro. **Alfa**, v. 55, n. 1, p. 63-82, São Paulo, 2011.

BECHARA, E. C. **Dicionário escola da Academia Brasileira de Letras**: língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2017.

BUTLER, J. P. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. *In*: LOURO, G. (org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 2. ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2000.

BUTLER, J. P. Actos performativos e constituição de gênero: Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *In*: MACEDO, A. G.; RAYNER, F. (org.). **Gênero, cultura visual e performance**: análise crítica. Húmus, 2011.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1999.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 43. ed. Petrópolis: Vozes, [1970] 2011.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, [1997] 2011.

CANDAU, V. M. (org). **Sociedade, educação e cultura(s)**: questões e propostas. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de linguística**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, [1978] 2014.

GRESPLAN, T. **Antroponímia de Toledo-Paraná – 1954-2004**: aspectos inovadores. Paraná: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2014.

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes**. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero**: Conceitos e termos. Brasília, 2012. Disponível em: [http://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta\\_es\\_popula\\_o\\_trans](http://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta_es_popula_o_trans). Acesso em: 04 ago. 2017.

JESUS, J. G. **Transfeminismo**: teorias e práticas. 2. ed, Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

MACEDO, N. Z. **Análise fonológica de nomes próprios de origem estrangeira e novas criações em Português Brasileiro**. 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, UNESP, Araraquara, 2015.

MASSINI-CAGLIARI, G. Escrita ideográfica e escrita fonográfica. *In*: MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. **Diante das letras**: a escrita na alfabetização. Campinas: Mercado das Letras, 1999. p. 21-31.

MASSINI-CAGLIARI, G. Adaptação de nomes próprios de origem estrangeira: comparação entre português arcaico e português brasileiro. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 795-807, mai-ago, 2011.

MEXIAS-SIMON, M. L.; OLIVEIRA, A. M. **O nome do homem**: reflexões em torno dos nomes próprios. Rio de Janeiro: H.P. Comunicações, 2004.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia portuguesa**. 4. ed. Campinas: Pontes, [1986] 2002.

OLIVER, N. **Dicionário de nomes**: Todos os nomes do Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: BesBolso, 2013.



PASQUES, L. Teorias do escrito na ortografia da Academia. *In*: CATACH, N. (org.). **Para uma teoria da língua**. Editora Ática, 1996.

ROCHA, L. C. de A. **Estruturas morfológicas do português**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SOUZA, M. D. **Variantes ortográficas propriamente ditas**. 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagem) – Instituto de Linguagens, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2006.

SOUZA, A. C. A recorrência de Anas e de Antônios na formação dos nomes duplos na antroponímia baiana. *In*: OLIVEIRA, K.; CUNHA E SOUZA, H. F.; GOMES, L. (org.). **Novos tons de rosa**. Salvador. EDUFBA, 2009. p. 129-141.

SOUZA-e-SILVA, M. C. P.; KOCH, I. V. **Linguística aplicada ao Português: morfologia**. 18. ed, São Paulo: Cortez, 2014.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, [2004] 2011.

ZANOTTO, N. **Estrutura mórfica de língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Educ, 2006.

Artigo recebido em: 25.05.2019

Artigo aprovado em: 11.10.2019